

Relações Internacionais – O Realismo Clássico na ótica da sociedade atual: perspectivas e questionamentos – Diego Peixoto dos Santos (Bacharel em Ciências Militares – AMAN 2012, Especialista em Relações Internacionais – UCAM 2017).

## RELAÇÕES INTERNACIONAIS - O REALISMO CLÁSSICO NA ÓTICA DA SOCIEDADE ATUAL: PERSPECTIVAS E QUESTIONAMENTOS

Diego Peixoto dos Santos

### RESUMO

O pensamento realista sempre acompanhou o homem, antes mesmo de tais ensinamentos serem escritos ou discutidos pelos grandes filósofos e pensadores da vida humana de maneira pessimista.

O ser humano, desde seu início, unido – se em pequenas sociedades com o objetivo de caçar animais maiores, direcionavam seus esforços coletivos para um bem maior, a satisfação de um desejo social comum, culminando no bem-estar individual daqueles que compunham o grupo.

Passando pela Idade Antiga, a sociedade medieval viu a aurora dos Estados nacionais, embrião político do que conhecemos como Estado.

Este, em sua amplitude, tem como objetivo principal o cumprimento das vontades e anseios daqueles que depositam sua fé em seu governante, pois o ser humano, em um determinado momento necessita dormir, descansar...mas o Estado nunca descansa, nunca dorme, tendo a capacidade de prover a segurança e o bem-estar de sua população durante todo o tempo.

Porém, se cada Estado envida esforços para manter a sua estabilidade interna, como podemos imaginar, em uma ótica realista, o ambiente internacional, no tocante às relações entre os Estados? Este questionamento é amplamente discutido e

Relações Internacionais – O Realismo Clássico na ótica da sociedade atual: perspectivas e questionamentos – Diego Peixoto dos Santos (Bacharel em Ciências Militares – AMAN 2012, Especialista em Relações Internacionais – UCAM 2017).

analisado por pensadores do Realismo Clássico, como Thomas Hobbes, Tucídides e Maquiavel. Cada um deles, em sua época e sociedade, analisam o ser humano e seus anseios, e nos auxiliam a compreender comportamentos da sociedade atual.

## RESUMEN

El pensamiento realista siempre ha acompañado al hombre, incluso antes de que tales enseñanzas fueron escritas o discutidos por los grandes filósofos y pensadores de la vida humana con pesimismo.

El ser humano, desde su creación, uniéndose - en pequeñas empresas con el fin de cazar animales más grandes direccionavam sus esfuerzos colectivos para el bien común, la satisfacción de un deseo social común, que culminó en el bienestar individual de los que se compone el grupo.

Al pasar por la edad avanzada, la sociedad medieval vio el amanecer de los estados nacionales, embrión política de lo que conocemos como estado.

Esto, a su alcance, tiene como objetivo principal el cumplimiento de los deseos y los deseos de aquellos que ponen su fe en su gobernante, porque el ser humano, en un momento dado necesita dormir, el resto ... pero el estado no descansa nunca, nunca duerme, que tiene la capacidad de proveer a la seguridad y el bienestar de su población en todo momento.

Sin embargo, si cada Estado se esforzará por mantener su estabilidad interna, como podemos imaginar, desde una perspectiva realista, el entorno internacional, en lo que respecta a las relaciones entre los estados? Esta pregunta es ampliamente discutido y analizado por los pensadores clásicos como Thomas Realismo Robbes, Tucídides y Maquiavelo. Cada uno, en su tiempo y en la sociedad, analizar el ser humano y sus aspiraciones, y nos ayudan a entender los comportamientos de la sociedad actual.

**PALAVRAS – CHAVE:** sociedade, estabilidade, bem-estar, realismo

**PALABRAS CLAVE:** sociedad, estabilidad, bienestar, realismo

## 1. INTRODUÇÃO

A vida do homem em sociedade, desde seu início em pequenos grupos populacionais, passando pelos grandes impérios multiétnicos até os Estados nacionais como conhecemos hoje, é e sempre foi repleta de conflitos, atritos e animosidades, tanto na esfera pessoal quanto choque entre coletividades.

Aceitar diferenças, conviver com as mesmas e, acima de tudo, submeter - se à elas é difícil, ainda mais quando se luta diariamente para expor e fazer valer seus interesses e pontos de vista. Por isso, criou - se no ceio da humanidade juntamente com o conceito de sociedade, a coletividade e a aceitação de um ideal maior do que o individualismo, no intuito de se obter proteção mútua.

Thomas Hobbes (1588 - 1679), em seus pensamentos sobre o "estado de natureza" do homem, afirmou que inicialmente o ser humano é dotado de sentimentos ruins e voltado para o caos e para a guerra. Nesse meio, não há indústria, agricultura, artes, medicina, nem qualquer forma de progresso. O homem luta continuamente por seus interesses, não se importando com seu vizinho. Porém, em um determinado momento, estaria disposto a depositar sua devoção a uma entidade maior, capaz de o proteger continuamente, no momento em que aquele dorme, descansa...o Estado.

Ainda sobre Hobbes, quando se alcança a estabilidade dentro de um determinado Estado e, aceitando que outros Estados também o façam, entramos no famoso "dilema de segurança", pois criamos um ambiente de instabilidade internacional, onde cada Estado deve atuar de maneira a garantir os interesses, estabilidade, segurança e bem-estar de sua população, a despeito dos interesses de outros Estados vizinhos.

Dentro desses ensaios narrados por um dos maiores pensadores realistas da história, contextualiza - se a sociedade atual em que vivemos, com seus conflitos étnicos no continente africano, religiosos no embate sangrento entre o islamismo extremista e o cristianismo, político entre as grandes potências em busca de dominação e projeção global, econômico separando os países desenvolvidos dos subdesenvolvidos, dentre outros que recentemente levantam bandeiras que transcendem o conceito de Estado e figuram em pequenas minorias - grupos ativistas de liberdade sexual, uso de drogas e outras reivindicações.

Logo, pensar e refletir sobre Thomas Hobbes, Tucídides, Nicolau Maquiavel, Morgenthau e outros filósofos da Escola Realista não seria uma prática que se encaixaria apenas no âmbito da teoria, mas auxiliaria no correto entendimento do

perfil do homem que vive em uma sociedade sem fronteiras, globalizada, que por muitas vezes assiste ao imperialismo das grandes potências de maneira passiva e sem perspectiva de mudança - afinal, impor uma vontade a outros grupos faz parte da política externa de um Estado nacional, pois ao realizar tal imposição, reflete os interesses de seu povo aos demais, demonstrando força - sendo, na maioria das vezes, inundado culturalmente economicamente por grandes potências que acabam fazendo de países subdesenvolvidos seu "depósito de cultura de massa e mercado consumidor".

Em síntese, pode - se afirmar com propriedade que várias questões delicadas que flagelam a sociedade atual encontram não só explicação prática, mas embasamento teórico e doutrinário em pensamentos de filósofos que viveram há anos atrás mas que, mesmo não sendo contemporâneos aos avanços tecnológicos de hoje, viviam também em sociedades conflitantes, pois o homem foi, é e sempre será um ser propício à guerra e ao conflito.

Dentro dessa ótica realista, este tema "O estudo do pensamento realista na sociedade atual" vem trazer à tona questões recentes de disputas de poder e conflitos de ideias que permeiam o homem no século XXI à luz de pensadores que foram e até hoje são referência do pensar e agir do homem em sociedade, e, além disso, definem em seus discursos filosóficos o comportamento dos Estados em sua política externa, nos tornando possível traçar vários perfis da política mundial que se apresentam nos dias de hoje, pois o ser humano está fadado a conviver em sociedade desde seu nascimento ao fim de sua existência.

Para contextualizar, podemos traçar um paralelo com dois discursos de pensadores que se perpetuam pela história: em seus estudos, o estrategista militar Carl Von Clausewitz (1780 - 1831) afirmou que, "a guerra é a continuação da política por outros meios"; já nos pensamentos do filósofo grego Aristóteles (384 - 322 a.C.), "O homem é por natureza um animal político".

Partindo das duas afirmações, podemos concluir que se o ser humano é por natureza um ser dotado de política - pois a política nada mais é do que a relação em sociedade - e a guerra configura - se como a continuação da política por outros meios, Clausewitz e Aristóteles, separados por mais de dois mil anos de história, convergem de maneira aterradora para Thomas Hobbes, quando este diz que "a condição do homem é a condição da guerra".

## 2. O REALISMO CLÁSSICO

O realismo, em sua concepção fundamental, encaixa - se em quatro fundamentos básicos, sem os quais não seria possível seu estudo como escola das Relações Internacionais: (1) a visão pessimista da natureza humana, sempre agressiva e em constante estado de guerra; (2) afirmação de que as relações internacionais são, em síntese, conflitantes, em que pese os conflitos internacionais serem resolvidos sempre em beligerância; (3) maximização da segurança nacional e da subsistência do Estado; (4) incredulidade com relação à existência de um progresso comparável ao da vida política nacional no contexto internacional.

O ser realista é caracterizado por preocupar - se com sua existência em um ambiente de competitividade entre seres humanos, almejando sempre o seu bem - estar a despeito dos outros ao seu redor. Deste modo, o ser realista busca, continuamente, estar em posição dominante, e nunca dominado, pois o domínio por outro homem restringe sua liberdade e sua natureza. Logo, o homem realista esforça - se para sempre estar em posição de liderança, sobrepujando aos demais por exemplos e ações, argumentos e capacidade cognitiva ou até mesmo pela força. Tal prática não é diferente entre as relações entre países.

Desde as civilizações primitivas, desde o momento em que os homens se uniram em comunidades, sempre existiu a figura do líder sobre os liderados, o alfa sobre seu grupo, o dominante sobre os recessivos. Tanto na Mesopotâmia quanto na Babilônia, do império de Carlos Magno à Escandinávia nórdica, o ser realista do homem sempre se fez presente, e se faz ao longo do tempo, o que nos leva a afirmar que essa atitude do ser humano é e sempre foi universal.

Tal ponto de vista pessimista da natureza humana está bastante evidenciado na teoria realista de Hans Morgenthau (1965;1985), provavelmente o principal pensador realista do século XX. Para ele, "homens e mulheres possuem um desejo pelo poder", fato que se apresenta notoriamente na política e, em particular, na política internacional: " A política é uma luta de poder sobre os homens e quaisquer que sejam seus objetivos

Relações Internacionais – O Realismo Clássico na ótica da sociedade atual: perspectivas e questionamentos – Diego Peixoto dos Santos (Bacharel em Ciências Militares – AMAN 2012, Especialista em Relações Internacionais – UCAM 2017).

finais, o poder é seu objetivo imediato e as formas de adquiri-lo, mantê-lo e demonstrá-lo determinam a técnica da ação política" (Morgenthau 1965:195).

Tucídides, Maquiavel e Hobbes também pensam assim. Para eles, a obtenção do poder é o objetivo central da política, e no âmbito internacional não é diferente, logo, a política internacional é retratada como uma "política de poder": um palco de guerras e conflitos constantes no qual as mesmas aspirações de segurança e defesa dos interesses nacionais de cada Estado se repetem várias vezes.

Dessa maneira, o realismo interpreta a política mundial tomando por base um pressuposto de anarquia internacional, na qual não existe um sistema de autoridade maior, predominante e setorial no ceio da política externa entre países. O Estado é o principal ator da política internacional, a qual não configura outra coisa se não a relação de interesses entre Estados. No realismo, outros atores, como a Organização das Nações Unidas, se tornam sem importância.

Logo, esboçando uma visão realista, tais Organizações nada mais valem do que uma ferramenta de Estados dominantes no âmbito internacional de constantemente reafirmarem sua autoridade perante outras nações menos expressivas. No caso específico da ONU, por meio de missões de paz, observação militar e ajuda humanitária, tais países auxiliam e intermediam conflitos em países necessitados com o intuito de, principalmente e verdadeiramente, despontar no cenário internacional demonstrando sua capacidade de, além de manter estável suas questões internas, auxiliar outras nações que não possuem o seu patamar de bem-estar social. Tal demonstração de força e importância tanto humanitária quanto militar é observada com admiração por nações amigas e com respeito e cautela por nações inimigas. Logo, conclui-se que o principal objetivo da política internacional é projetar e defender os interesses dos Estados.

No entanto, os Estados não são iguais, havendo uma hierarquia de poder entre eles, sendo que os Estados mais importantes dentro da política mundial são as grandes potências. De acordo com os realistas, a política internacional configura em uma constante disputa entre as grandes potências pelo domínio e pela segurança.

### 3. A ÓTICA DE THOMAS ROBBES

O núcleo normativo do realismo são a segurança nacional e a sobrevivência estatal: estes são os valores que impulsionam e promovem a política externa realista. O Estado é considerado essencial para a vida de seus cidadãos, para garantir os meios e as condições de segurança, uma vez que, na sua ausência, a vida humana está limitada a ser, como na frase de Thomas Robbes (1946:82) "solitária, pobre, desagradável, bruta e curta". O Estado é, portanto, visto como protetor de seu território, de sua população e de seu modo de vida distinto e valioso. O interesse nacional, conseqüentemente, é o árbitro final para jogar a política externa de um Estado. A sociedade humana e a moralidade, portanto estão confinadas à vida interna nacional, não se estendendo ao cenário internacional entre Estados, uma arena política de constante tumulto e guerra de interesses entre nações que estão cada uma preocupada com os interesses de sua população e bem-estar. Nesse ponto, as grandes potências são os dominadores.

O fato de que todos os Estados devem atuar de maneira a alcançar seus interesses nacionais implica na afirmativa de que não se deve confiar plenamente no posicionamento de outros Estados, em acordos e pactos. Logo, as alianças internacionais têm uma configuração provisória e efêmera, cuja duração compreende apenas o momento em que o objetivo do acordo agrada e beneficia a ambas as partes interessadas. Uma nação irá se predispor a enviar tropas para uma missão de paz da ONU se, em retorno, for - lhe oferecido um lugar de prestígio em tão importante Organização, o que projeta os interesses e política externa daquele Estado. O soldado que está colocando sua vida em perigo em um país distante pode ter em seu entendimento que luta pela segurança e liberdade do povo que hora está sendo subjulgado, mas tal pensamento, visto por uma ótica realista, não é comungado por seu governante, que vê no sucesso daquela tropa a oportunidade de discursar na Assembleia da ONU, verbalizando sobre os interesses de seu Estado no âmbito mundial.

#### 4. TUCÍDIDES E A LIGA HELÊNICA

O que hoje chamamos de relações internacionais, Tucídides considerava as inevitáveis competições e conflitos entre as antigas cidades - Estado gregas (que em conjunto formaram a civilização cultural - linguística conhecida como Grécia) e entre a Grécia e os impérios vizinhos não gregos, como a Macedônia ou a Pérsia. Nem os Estados da Grécia nem seus vizinhos não gregos eram equivalentes. Pelo contrário, poucos eram "grandes potências" - Atenas, Esparta, o Império Persa - e muitos eram potências menores - as pequenas ilhas do Mar Egeu. Para o teórico, essa desigualdade era inevitável e natural. Nesse sentido, uma característica distinta do tipo de realismo de Tucídides é o seu caráter naturalista. Aristóteles disse que "o homem é um animal político" e Tucídides acrescentou que os animais políticos, de fato, são altamente desiguais em poder e na capacidade de dominar os outros e de se defender. Todos os Estados, grandes e pequenos, devem se adaptar a essa realidade específica de poder desigual e agir de forma condizente: se cumprirem essa tarefa, sobreviverão e talvez até prosperem. Caso contrário, os países que falharem se arriscarão e podem até ser destruídos. A história antiga está cheia de exemplos de Estados e impérios, pequenos e grandes, destruídos.

Como exemplo das relações internacionais na Grécia antiga, os gregos fundaram a Liga Helênica, colocando Esparta e Atenas em sua liderança. Apesar da aparência de unidade na Grécia durante as Guerras Greco-persas (492 - 77 a.C.), havia sérios conflitos entre os membros da Liga, motivados principalmente pelo medo que as menores cidades - Estado tinham do imperialismo ou da expansão ateniense. Por isso, após a vitória dos gregos sobre os persas, os competidores de Atenas liderados por Esparta, formaram uma organização rival, a Liga Peloponesa, um intrincado sistema de segurança coletivo em forma de aliança destinado a impedir a expansão ateniense. Uma competição mais cruel sobre o comércio e a supremacia naval entre Corinto e Atenas levou por fim às Guerras Peloponesas envolvendo as duas congregações militares.

Por isso, Tucídides enfatiza o limite das escolhas e as restrições no campo de manobra disponíveis para os estadistas na conduta da política externa. Ademais, o teórico ressalta as consequências das decisões: antes de qualquer palavra final, um tomador de decisões deve refletir com cuidado sobre os impactos prováveis, bons ou ruins. Ao chamar a atenção para tal situação, Tucídides também ressalta a ética da cautela e da prudência na arte da política externa em um mundo internacional de grande desigualdade, de escolhas restritas de política externa e de constante perigo e oportunidade. A previsão, a prudência, a cautela e o julgamento formam a ética política característica do realismo clássico que Tucídides e a maioria dos acadêmicos dessa linha de pensamento se esforçaram para distinguir da moralidade privada e do princípio da justiça. Se um país e seu governo desejam sobreviver e prosperar, é essencial focar essas máximas políticas fundamentais das relações internacionais.

Em seu famoso estudo sobre a Guerra do Peloponeso (431 - 34 a.C.), Tucídides (1972: 407) popularizou o conflito entre as duas cidades - Estado gregas em 416 a.C. Os melianos apelaram para o princípio da justiça, isto é, a sua honra e dignidade como um Estado independente, que deveriam ser respeitadas pelos poderosos atenienses. Mas, segundo Tucídides, a justiça é um bem especial nas relações internacionais: em vez de significar um tratamento igual para todos, justiça se refere ao conhecimento de seu próprio lugar e à adaptação à realidade natural do poder desigual. Tucídides, portanto, deixou os atenienses responderem à exigência meliana.

O padrão de justiça depende da igualdade de poder para coagir e, de fato, os fortes fazem o que têm o poder de fazer e os fracos aceitam o que têm de aceitar. Essa é uma regra certa - enfrentar seus iguais, comportar - se em consideração aos seus superiores e tratar seus inferiores com moderação.

Esse é, provavelmente, o exemplo mais famoso da interpretação realista clássica acerca das relações internacionais, vista basicamente como uma anarquia de Estados distintos, que não detêm uma escolha real a não ser agir de acordo com os princípios e as práticas da política de poder, na qual a segurança e a sobrevivência são os principais valores e a guerra é o árbitro final.

## 5. O PESSIMISMO DE MAQUIAVEL

De acordo com os ensinamentos políticos de Maquiavel (1984: 66), o poder (o leão) e a decepção (a raposa) são dois meios essenciais para a conduta da política externa. O valor político supremo é a liberdade nacional, a independência e a principal responsabilidade dos governantes é buscar sempre as vantagens e defender os interesses de seus Estados, garantindo sua sobrevivência. Isso requer força: se um Estado não é forte, será uma presa permanente para os outros países; o governante deve ser então um leão. Isso também requer astúcia e - se necessário - brutalidade na busca do auto interesse: o governante também deve ser uma raposa. Caso os governantes não sejam astutos, arditos e espertos, perdem uma oportunidade vantajosa ou benéfica para eles e para o Estado.

Além disso, arriscam não perceber um perigo ou uma ameaça que, se não for defendida, pode causar danos a eles, aos seus regimes ou aos seus Estados. Sendo assim, no centro da teoria realista de Maquiavel (1984:66), os estadistas devem ser tanto leões quanto raposas. A teoria realista clássica de RI é principalmente uma teoria de sobrevivência (Wight 1966).

A premissa mais essencial de Maquiavel é a de que o mundo é um lugar perigoso, mas, ao mesmo tempo, gera oportunidades. Se alguém espera sobreviver em tal mundo, é preciso estar sempre consciente dos perigos, deve se antecipar a tomar as precauções necessárias contra eles. E, caso desejem prosperar, enriquecer a si mesmos e se deleitar na glória de seu poder e riqueza acumulados, é necessário reconhecer e explorar as oportunidades apresentadas aos Estados de forma rápida, hábil e - se preciso - com mais crueldade do que instrumental, com base no cálculo inteligente do poder e do interesse de alguém contra o poder e o interesse de seus rivais e competidores.

Essa perspectiva arguta é refletida em algumas máximas maquiavélicas da política realista, como: fique ciente do que acontece; não espere que aconteça; antecipe as razões e ações dos outros; não espere os outros agirem; aja antes deles; um prudente líder de Estado age a fim de evitar qualquer ameaça imposta pelos vizinhos; ele ou ela

devem estar preparados (as) para se engajar em uma guerra preventiva e em iniciativas similares; em suma, o líder realista de Estado está alerta para oportunidades em qualquer situação política, além de preparado e equipado para explorá - las

Thomas Hobbes pensou ser possível alcançar uma percepção fundamental da vida política, se pudermos imaginar homens e mulheres vivendo em uma condição "natural", anterior à invenção e instituição do Estado soberano. Ele chamou essa condição pré - civil de o "Estado de natureza". Para Hobbes (1946:82), essa condição pré - civil é uma circunstância humana extremamente adversa, na qual há um "estado de guerra" permanente "de cada homem contra cada homem"; isto é, no "estado de natureza", todos são ameaçados por todos, a vida está em risco constante e ninguém pode ter garantia, durante um período razoável de tempo, de segurança e sobrevivência. As pessoas assim estariam vivendo em constante medo umas das outras.

Segundo Hobbes (1946:82) "em tal condição, não há lugar para a indústria, porque o fruto disso é incerto: e conseqüentemente nenhuma cultura do mundo, nenhuma marinha, nenhum uso de mercadorias que possam ser importadas pelo mar; nenhuma edificação confortável; nenhuma arte; nenhuma carta; nenhuma sociedade e, pior de tudo, o medo contínuo e o perigo de morte violenta; e a vida do homem, solitária, pobre, detestável, bruta e curta".

Para Hobbes, é possível escapar do estado de natureza para uma condição humana civilizada por meio da criação e da manutenção de um Estado soberano. Isso se daria pela transformação do medo de homens e mulheres de si mesmos em uma colaboração conjunta para se formar um pacto de segurança que possa garantir a sobrevivência de todos. De forma paradoxal, as pessoas cooperam no meio político por temerem ser feridas ou mortas por seus vizinhos: são "civilizados pelo medo da morte" (Oakeshott 1975:36). O medo e a insegurança afastam as pessoas de suas condições naturais, isto é, a guerra de todos contra todos. A instituição do Estado soberano não é impulsionada pela razão, mas pela paixão, uma vez que os homens, conscientes do valor da paz e da ordem, unem - se e colaboram de bom grado para criar um Estado com um governo soberano, detentor da autoridade absoluta e de poder confiável para protegê-los tanto das desordens internas quanto dos inimigos e das ameaças externas. Na condição

Relações Internacionais – O Realismo Clássico na ótica da sociedade atual: perspectivas e questionamentos – Diego Peixoto dos Santos (Bacharel em Ciências Militares – AMAN 2012, Especialista em Relações Internacionais – UCAM 2017).

civil - isto é, de paz e ordem -, sob a proteção do Estado, todos têm a oportunidade de crescer em segurança relativa, já que não vivem mais o risco constante da ofensa e da morte. Seguros e em paz, estão livres para prosperar e, como Hobbes afirma, "podem buscar e aproveitar a "felicidade" e o bem-estar".

No entanto, a solução estadista para o problema da condição natural da humanidade implica automaticamente um sério problema político. Uma vida pacífica e civilizada só pode ser apreciada dentro de um Estado, não podendo se estender para além do Estado ou existir entre Estados. O próprio ato de instituição de um Estado soberano para escapar do temível estado de natureza cria, ao mesmo tempo, outro estado de natureza entre os países, gerando o conhecido "dilema de segurança" na política mundial - a realização da segurança pessoal e nacional por meio da criação de um Estado é necessariamente acompanhada pela condição de insegurança nacional e internacional enraizada na anarquia do sistema de Estados.

Não se pode escapar do dilema internacional de segurança da mesma forma que há solução para o dilema pessoal de segurança, porque não há possibilidade de se estabelecer um Estado global ou um governo mundial. Ao contrário dos indivíduos de um Estado primário de natureza, os Estados soberanos não estão propensos a abrir mão de sua soberania e independência em prol de qualquer garantia de segurança global, uma vez que o "estado de natureza internacional" não é tão ameaçador e perigoso quanto o estado de natureza original. É mais fácil para os Estados terem uma garantia de segurança do que os indivíduos se sentirem protegidos por conta própria; os Estados podem mobilizar o poder coletivo de um grande número de pessoas; podem se armar e se defender contra ameaças de segurança externa de modo contínuo e confiável. Já as pessoas estão vulneráveis porque, em alguns momentos, precisam baixar a guarda; precisam dormir, por exemplo. Estados nunca adormecem - enquanto alguns cidadãos estão descansando, outros, já descansados, assumem seu lugar de prontidão nos mais distantes rincões do território nacional, zelando durante todos os dias pela soberania e pelos interesses que unem aquele povo sob a bandeira de seu Estado soberano.

Se os Estados cumprem o seu trabalho de proteger seu próprio povo, o estado de natureza internacional pode então até ser visto como algo positivo porque

Relações Internacionais – O Realismo Clássico na ótica da sociedade atual: perspectivas e questionamentos – Diego Peixoto dos Santos (Bacharel em Ciências Militares – AMAN 2012, Especialista em Relações Internacionais – UCAM 2017).

oferece a grupos particulares liberdade em relação a outras congregações. Em outras palavras, a anarquia internacional com base nos Estados soberanos é um sistema de liberdade para certos agrupamentos. Mas o ponto principal sobre o estado de natureza internacional é que este é um ponto de guerra real ou potencial; não é possível haver uma paz permanente ou garantida entre Estados soberanos. A guerra é necessária, como último recurso, para resolver disputas entre Estados que não conseguem firmar um acordo e também não vão ceder.

O realismo clássico de Hobbes contempla tanto o direito internacional quanto o poder militar. Os Estados são capazes de estabelecer acordos uns com os outros, a fim de elaborar uma base legal para suas relações. O direito internacional pode moderar o estado de natureza internacional ao garantir uma estrutura de acordos e regras vantajosas para todos os Estados. No entanto, vale ressaltar que, segundo Hobbes, o direito internacional é criado pelos Estados e só será cumprido se favorecer o interesse da segurança e da sobrevivência dos Estados; caso contrário, a lei será ignorada. Para Hobbes, como para Maquiavel e Tucídides, a segurança e a sobrevivência são valores de importância fundamental, mas o aspecto principal do realismo de Hobbes é a paz nacional - a paz interna à estrutura do Estado soberano - e a oportunidade de homens e mulheres serem felizes, que somente a paz civil é capaz de proporcionar. Em suma, o Estado é organizado e equipado para a guerra de modo a prover a paz nacional para seus cidadãos.

Na sociedade atual, podemos perceber diversas disputas entre países por assuntos diversos. Quer seja no campo econômico, político, social, intelectual, filosófico ou científico, cada Estado, dentro de sua estrutura social e cultural, busca constantemente dois pilares: (1) estabilidade interna nacional, objetivando o bem-estar para a sua população; (2) fixação, no âmbito internacional, de seu ponto de vista, bem como a concretização de suas ambições - financeiras e políticas, em sua maioria - vindo a, conseqüentemente, favorecer a sua população direta ou indiretamente.

Dentro do campo da estabilidade nacional, podemos citar como exemplo o Haiti, um dos últimos países das Américas a conquistar a independência política,

Relações Internacionais – O Realismo Clássico na ótica da sociedade atual: perspectivas e questionamentos – Diego Peixoto dos Santos (Bacharel em Ciências Militares – AMAN 2012, Especialista em Relações Internacionais – UCAM 2017).

primeiro a fazê-lo através de uma população de origem escrava, mas que, ainda hoje, luta por estabilidade nacional.

Seu governo enfrenta dificuldades para proporcionar à população o bem-estar nacional, haja vista constantes investidas e tentativas de tomada do poder de gangues e facções regionais que não aceitam a forma com que o governo trata dos assuntos nacionais.

Um ponto de inflexão na tentativa do Haiti de mitigar o poder das gangues e facções rivais é a presença de mais de 20 países que formar a MINUSTAH, Missão de Paz da ONU que, há mais de 10 anos atua na manutenção da paz no país.

De um lado, a ONU apoia o governo do Haiti na tentativa de fixação e estabilização política. Os países que mantêm forças armadas no Haiti, dentre eles o Brasil, são reconhecidos pelos esforços contínuos através muitas das vezes do uso da força, para alcançar a tão almejada estabilidade.

Outro exemplo de luta pela estabilidade nacional que ocorre atualmente no mundo é a questão da disputa da Criméia entre Rússia e Ucrânia. Países de origem soviética disputam um território o qual contém população oriunda e que se afeiçoa etnicamente com ambos os lados. A Rússia, maior territorialmente e militarmente, além de possuir uma política nacional e internacional largamente mais forte, vence o conflito atualmente, mas não apaga da mente dos cidadãos da Criméia que sentem em seu sentimento que seria melhor pertencer a Ucrânia a sensação de instabilidade e mau estar, por pertencer agora a um país ao qual não é o seu, não possuindo raízes ou origem.

Em relação à fixação, no âmbito internacional, de uma ótica de um determinado Estado, podemos afirmar que tal pilar caminha apenas a um passo atrás do ponto anterior.

Voltando ao exemplo da Rússia e Criméia, temos aquele como uma das principais potências militares da atualidade, ficando apenas atrás dos Estados Unidos e, talvez, da China. Periodicamente, seu presidente, Vladimir Putin, publica nas mídias sociais vídeos afirmando seu poder âmbito internacional, ao mesmo tempo em que

vangloria o modo de vida russo, destacando seus feitos e perfil de governo. Recentemente, após os ataques terroristas à França, Vladimir Putin discursou em pé ao lado de sua cadeira e com seu braço direito apoiado no encosto, afirmando de maneira firme que tais ataques à liberdade não ficariam impunes e que a mãe Rússia iria envidar todos os esforços para contribuir aos ataques contra os terroristas que foram realizados como retaliação. Muitos países que apoiaram principalmente a França, principal alvo do terrorismo da atualidade, sofreram ataques terroristas secundários, como retaliação ao apoio internacional contra o terror, contudo, até o presente momento, não foi identificado ataques ao território nem a cidadãos russos, o que demonstra, dentre outros fatores, um posicionamento internacional de prestígio do Estado russo, pois até mesmo as forças terroristas reconhecem tanto o potencial bélico russo quanto o perfil agressivo e forte do Chefe de Estado.

Tal afirmação mostra que o realismo nas relações internacionais é uma prática diária, perene e universal, e que não é praticada somente por Estados, mas está implantada no dia a dia, nos diversos ramos da sociedade e, como Hobbes afirmou, na natureza do homem.

Para concluir, podemos discorrer sobre o que os realistas clássicos têm em comum. Primeiramente, eles concordam que a condição humana de insegurança e de conflito deve ser abordada. Em seguida, acreditam que há um acervo de conhecimento político, ou sabedoria, para lidar com o problema de segurança e cada um deles tenta identificar as suas próprias soluções. Finalmente, eles defendem que não há uma escapatória definitiva de tal condição humana, é uma característica permanente da vida. Embora haja um amplo conhecimento político - identificado e declarado na forma de máximas políticas -, não há soluções finais ou definitivas para os problemas políticos - incluindo a política internacional.

Essa visão pessimista e sem esperança está no centro da teoria de RI do principal realista neoclássico do século XX, Hans J. Morgenthau.

## 6. CONCLUSÃO

No princípio, quando o homem iniciara seu processo de fixação à terra, por meio da caça e agricultura, percebeu de maneira rápida e eficaz que um dos pilares de sua sobrevivência é a relação em sociedade.

Desde a união em bandos para caçar um animal de grande porte até o escambo de agriculturas para a diversificação da alimentação, o homem nunca viveu nem subsistiu sozinho, dependendo sempre da relação que mantinha com seus iguais.

Mas isso não quer dizer que a tarefa é fácil, nem tão pouco simples. Cada indivíduo possui uma maneira de agir e pensar, bem como certos interesses que almeja para si e para os seus. São estes interesses que permeiam as relações entre as pessoas, foram esses interesses que uniram um grupo de indivíduos sob a bandeira de um Estado nacional, e são os interesses dos Estados – que refletem os anseios de seu povo – que movimentam e dão forma às Relações Internacionais.

Em um mundo globalizado, a política externa se configura em um assunto complexo. A gama de interesses - quer sejam políticos, econômicos, sociais, filosóficos, científicos ou religiosos – acompanham as decisões do Chefe de Estado, que, ao assinar tratados e acordos com outros governantes, firma um compromisso de, internacionalmente, lutar pelos interesses daqueles que dormem confiando na segurança que o Estado o proporciona.

De acordo com Thomas Hobbes, a natureza do ser humano é a guerra, o conflito e a insegurança, o “estado de natureza”. Dentro dessa perspectiva, não se é possível a indústria, o comércio, a marinha e nenhuma forma de organização social. Cada indivíduo busca os seus interesses, a sua segurança e o seu bem-estar, mesmo que em detrimento da vida e da segurança de seu vizinho. Porém Hobbes apresenta como solução para o conflito natural do ser humano, a instituição de um Estado soberano, a qual todas as pessoas pactuam de servi-lo no intuito de que aquele os proporcione

Relações Internacionais – O Realismo Clássico na ótica da sociedade atual: perspectivas e questionamentos – Diego Peixoto dos Santos (Bacharel em Ciências Militares – AMAN 2012, Especialista em Relações Internacionais – UCAM 2017).

segurança e estabilidade, para que se possa haver uma perspectiva de futuro e prosperidade.

Ainda de acordo com Hobbes, se cada Estado buscar a sua estabilidade e bem-estar nacional, existirá uma anarquia internacional, em que as nações, cada uma buscando seus interesses, não conseguirão chegar a acordos comuns. Logo, deverão existir acordos, pactos e tratados em que ambas as partes comunguem de vantagens e benefícios para suas populações.

Porém, alcançar tal ponto é difícil. E é nessa questão que se apresenta a importância do estudo das Relações Internacionais.

Como conciliar interesses entre Estados que praticam religiões distintas? Como estabelecer relações econômicas entre países com regimes sociais diferentes? Como pregar a paz sem manter uma força armada forte e em condições de rechaçar um inimigo que venha a ameaçar a soberania nacional de um Estado, que tem como missão garantir a segurança do povo?

Durante anos, tais perguntas vão sendo feitas, soluções vão sendo apresentadas, muitos insucessos e dessabores ocorrem, dizimando populações e levando grandes potências ao colapso. Atualmente, com o advento do terrorismo, países que em um passado não muito distante estavam em lados opostos em conflitos de proporções mundiais hoje discursam como fraternos, somando forças para combater um inimigo que não tem um rosto nem uma bandeira.

Vemos, desse modo, que as doutrinas das Relações Internacionais se fizeram presentes antes mesmo de seus principais pensadores as conceberem, fazem – se presente hoje, em um mundo globalizado e sem fronteiras, onde um cristão de nascimento pode, de súbito, levantar uma bandeira extremista e matar em nome de um Alá, e far – se – ão presentes no futuro, pois é impossível haver um governo global, em que todos os interesses de todos os Estados sejam satisfeitos com uma mesma doutrina, uma mesma moeda, uma mesma cultura, um mesmo pensamento.

Desse modo, entender, analisar e aplicar as teorias das Relações Internacionais no mundo civilizado em que vivemos não é apenas importante, mas

Relações Internacionais – O Realismo Clássico na ótica da sociedade atual: perspectivas e questionamentos – Diego Peixoto dos Santos (Bacharel em Ciências Militares – AMAN 2012, Especialista em Relações Internacionais – UCAM 2017).

inato, pois o simples fato de vivermos em sociedade nos obriga a nos relacionarmos, e o simples fato de cultuarmos a bandeira de um Estado nos obriga a aceitar que existam outros Estados distintos do nosso, com objetivos, cultura, crenças e aspirações diferentes das nossas, mas que também possuem direitos e deveres assim como nós.

Relações Internacionais – O Realismo Clássico na ótica da sociedade atual: perspectivas e questionamentos – Diego Peixoto dos Santos (Bacharel em Ciências Militares – AMAN 2012, Especialista em Relações Internacionais – UCAM 2017).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Jackson, Robert; Sorensen, Georg. **Introdução às Relações Internacionais**\_\_ZAHAR,2007;

Grinaldo de Camargo, Silvio. **Os EUA e a nova ordem mundial**\_\_VIDE EDITORIAL,2012;

Friede, Reis. **Ciência Política e Teoria do Estado**\_\_\_\_BIBLIEX,2015;

Soreanu Pecequilo, Cristina. **A União Européia, Os desafios, a crise e o futuro da intergração**\_\_\_\_CAMPUS,2014.